

Dossiê: O dia que mudou o mundo?  
O 11 de Setembro 20 anos depois

<http://dx.doi.org/10.34019/2594-8296.2021.v27.33847>

**O Movimento Conservador Norte-Americano e o 11 de Setembro**

*The Movement Conservatism and the 9/11*

*El Movimiento Conservador y el 11 de Septiembre*

Bruno Garcia\*

<https://orcid.org/0000-0002-8776-8535>

RESUMO: O artigo discute de que maneira os ataques de 11 de setembro representam um importante ponto de inflexão na história do movimento conservador norte-americano. A direita americana, que encontrara nos anos 1960 e 1970 pontos de convergência entre suas diferentes correntes, passa a se fragmentar com o fortalecimento dos neoconservadores nos anos 1980. O artigo procura analisar como esse processo, que se ensaiava antes do fim da Guerra Fria, foi acelerado pela resposta de George W. Bush aos ataques terroristas e permitiu que forças políticas como o populismo se deslocassem das margens para o centro do debate político.

Palavras-chave: Conservadorismo. Estados Unidos. História Intelectual. Relações Internacionais.

ABSTRACT: The article discusses how the September 11 attacks represent an important turning point in the history of the American conservative movement. The American right, which in the 1960s and 1970s found points of convergence between its different currents, began to fragment with the strengthening of the neoconservatives in the 1980s. The article seeks to analyze how this process, which was rehearsed before the end of the Cold War, was accelerated by George W. Bush's response to terrorist attacks and allowed political forces such as populism to move from the margins to the center of the political debate.

Keywords: Conservatism. United States. Intellectual History. International Relations.

---

\* Pós-doutorando na Universidade Nova de Lisboa. Doutor em História pelo Programa de História Social da Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e mestre em European Studies pela Masarykova Univerzita (Brno, República Tcheca). Tem experiência na área de História Contemporânea em temas como História Intelectual, Filosofia dos Direitos Humanos e Extrema Direita. E-mail: brnogarcia@gmail.com.

---

RESUMEN: El artículo analiza cómo los ataques del 11 de septiembre representan un importante punto de inflexión en la historia del movimiento conservador estadounidense. La derecha estadounidense, que en las décadas de 1960 y 1970 encontró puntos de convergencia entre sus distintas corrientes, comenzó a fragmentarse con el fortalecimiento de los neoconservadores en la década de 1980. El artículo busca analizar cómo este proceso, que se ensayó antes del fin del Frío La guerra fue acelerada por la respuesta de George W. Bush a los ataques terroristas y permitió que fuerzas políticas como el populismo pasaran de los márgenes al centro del debate político.

Palabras clave: Conservatismo. Estados Unidos. Historia intelectual. Relaciones Internacionales.

### Como citar este artigo:

Garcia, Bruno. “O Movimento Conservador Norte-Americano e o 11 de Setembro”. *Locus: Revista de História*, 27, n.2 (2021): 123-149.

\*\*\*

Na primeira semana de dezembro de 2001, o jornalista Jonah Goldberg foi convidado a falar sobre o futuro do conservadorismo depois dos atentados do 11 de Setembro. Naquela altura, a Guerra do Terror já havia sido declarada. Os Estados Unidos tinham acabado de capturar o último grande reduto dos talibãs, em Kandahar, Saddam Hussein ainda vivia em paz em Bagdad e, curiosamente, a direita americana, sempre sensível aos temas de segurança nacional, parecia mais preocupada com o futuro do conservadorismo do que com o conflito em andamento.

A palestra aconteceu em uma associação reclusa batizada ironicamente de Fabiani Society<sup>1</sup>, em Manhattan. Sabemos dela apenas porque Goldberg escreveu a respeito no dia seguinte em sua coluna na *National Review*, a histórica e mais importante publicação da direita americana, onde era um dos editores. Com o título de “Divisions on the Right since September 11”, a fala destacou a possibilidade dos ataques terroristas terem como efeito colateral a progressiva divisão entre os conservadores (Goldberg 2001).

Depois de uma década morna, sem a presença do velho inimigo comunista, que produziu durante quatro décadas relativa coesão ao movimento conservador, os atentados deram nova vida à direita e, ao mesmo tempo, uma razão para ampliar suas disputas internas. A Guerra ao Terror, e seu despertar patriótico, significaram para alguns uma oportunidade para revigorar as instituições americanas e, simultaneamente, um chamado para um certo senso de responsabilidade global dos

---

<sup>1</sup> Além do movimento social britânico Sociedade Fabiana, nascido no século XIX, o nome também faz referência ao memorando produzido por um assessor de Bill Clinton, em 1995. O documento, comissionado por Mark Fabiani, denunciava uma série de teorias conspiratórias produzidas pela direita e foi popularizado pelo título de “vast right-wing conspiracy”.

Estados Unidos. Para outros, no entanto, esse cenário representava um risco diante da expansão das atribuições do governo federal sobre liberdades individuais e a ameaça do país ingressar em uma aventura imperialista.

No âmbito doméstico, a administração de George W. Bush avançou com medidas como o *Patriot Act* e o estabelecimento de tribunais militares para julgar acusados de terrorismo. Entre congressistas, Bush contou com um raro e coeso apoio bipartidário. O consenso interno entre conservadores, entretanto, não era a regra. Além de chamar essas medidas de absurdas, Goldberg, por exemplo, elogiou todos os seus pares que levantaram a voz em oposição - “because they don’t trust politicians not to become corrupted by the power such commissions afford”. Outros, ele lamentou, não pareciam tão preocupados: “because we tend to be less concerned when the state exercises its authority for morally and constitutionally correct purposes” (Goldberg 2001).

No que diz respeito à política externa, a situação não era muito diferente. Conservadores, que defenderam a restrição das prerrogativas do governo federal e uma atuação internacional mais discreta, abriram uma exceção durante a Guerra Fria, mas se recusavam, em 2001, a apoiar uma cruzada contra o terror. Com isso, entraram em conflito com o que Goldberg chamou de “*national greatness conservatism*” e sua defesa vigorosa dos Estados Unidos enquanto guardião da civilização ocidental (Goldberg 2001).

George W. Bush sempre se esforçou para consolidar sua imagem como produto do movimento conservador. Não bastasse ser filho de um presidente republicano, Bush incluiu no seu gabinete uma série de veteranos do governo Reagan. Porém, nem sua postura de *compassionate conservative* foi suficiente para impedir que a direita se fragmentasse na sua administração (Teles 2009). Não que os atentados tenham, por si só, produzido essa divisão. Como reconhece Goldberg, “most of the trends existed prior to September 11, but the new climate hastened and sharpened them”. A atmosfera política dos Estados Unidos depois dos ataques acabou por acelerar e intensificar divergências existentes entre conservadores que, diante das posições e atitudes do governo federal, passaram cada vez mais a não se reconhecerem necessariamente como aliados. (Goldberg 2001)

Em 2001, a ideia de que o combate ao terrorismo internacional iria se converter em uma guerra infinita ainda não era clara. Tampouco era possível prever que, num futuro próximo, o Partido Republicano e o movimento conservador iriam testemunhar a emergência de figuras tão populares quanto exóticas como Sarah Palin, na chapa de John McCain, em 2008. Hoje é fácil reconhecer que a maré estava mudando, porém naquele momento era difícil imaginar a junção entre um republicano tradicional – o veterano de guerra associado às virtudes patrióticas que o

partido tanto defende – e uma histriônica governadora do Alasca, conhecida pela espontaneidade, pelas gafes, e pelo discurso apelativo direcionado à classe média branca dos subúrbios.

A eleição de 2016 apenas ajudou a tornar esse processo mais visível. Nos últimos 10 anos, a historiografia vem procurando entender essa transição através de estudos sobre momentos-chave na história recente do movimento conservador. Episódios como a Revolução Republicana em 1994, e seu protagonista, Newt Gingrich, bem como o *Tea Party*, em 2009, mostram como alguns aspectos da política norte-americana, hoje atuais, já se encontravam em movimento<sup>2</sup>.

O 11 de Setembro não é propriamente um “momento conservador”, mas certamente produziu um novo capítulo na história dos Estados Unidos e reacendeu um fogo patriótico na direita. Nossa hipótese neste ensaio é que o desafio imposto pelos ataques e pela emergência do terrorismo global colocou a direita numa encruzilhada. Se, por um lado, ela procurou aproveitar a atmosfera de medo e unidade nacional para tentar se reagrupar, por outro, se expôs inevitavelmente ao risco de acelerar seu processo de fragmentação.

Diferente do anticomunismo da Guerra Fria, conservadores de diferentes estirpes discordavam entre si quanto à interpretação dos atentados e o lugar que o país deveria assumir na nova ordem internacional. Esse desacordo no núcleo do movimento permitiu que vozes marginais oportunamente se deslocassem para o centro do debate político. Ao longo dos anos 1990, essas vozes já ameaçavam se levantar. Algumas ousaram se lançar como lideranças alternativas a candidatos tradicionais no Partido Republicano. Outras, ainda mais radicais, contribuíram para inclusão de pautas que anos antes seriam rejeitadas por soarem extremistas.

A proposta do presente artigo é discutir de que maneira os atentados de 11 de setembro representam um pouco de inflexão na história do movimento conservador, embaralhando suas correntes e agentes, reorganizando as forças que o compunham e, com isso, oferecendo espaço para novos arranjos. Fenômenos recentes, como a emergência do *Tea Party* e a eleição de Donald Trump, fizeram com que historiadores reconsiderassem a história recente do pensamento conservador e sua dinâmica no Partido Republicano, em busca das condições que permitiram a emergência do que Kim Phillips-Fein chamou de “dimensão populista do conservadorismo moderno” (Phillips-Fein 2011, 725). É possível que tais fenômenos tenham entre suas causas a redefinição de prioridades e de relações de força na direita americana e que a catarse produzida pelos atentados tenha contribuído, afinal, para essa profunda transformação no movimento conservador.

---

<sup>2</sup> Ver Zelizer, Julian. *Burning Down the House: Newt Gingrich, the Fall of a Speaker, and the Rise of the New Republican Party*. New York: Penguin Press, 2020; e Skocpol, Theda e Vanessa Williamson. *The Tea Party and the Remaking of Republican Conservatism*. New York: Oxford University Press, 2012.

## O que era o conservadorismo

A historiografia norte-americana, na sua maioria, evita definições estáveis e precisas acerca do fenômeno político do conservadorismo no país. Isso porque ele contém elementos e características contraditórios que podem fazer com que se pareça, num momento uma ideologia política e, em outros, um movimento social de base. Não é raro que sua falta de unidade faça com que represente, para alguns, nada além do que um agregado confuso de vozes de protesto contra políticas de bem-estar social. Seu espectro vai de impulsos de defesa da tradição – incluindo movimentos de rejeição à modernidade, como Robert Penn Warren e os *Southern Agrarians*<sup>3</sup> – a figuras como o senador Robert A. Taft e Robert E. Wood, conhecidos nos anos 1930 e 1940 pela liderança de um grupo dentro do Partido Republicano, que defendia uma postura isolacionista. Na tarefa de organizar esses elementos, historiadores têm enfrentado o problema da definição através de um acordo tácito no qual não tornam explícita qualquer definição particular de conservadorismo. Em linhas gerais, ele é entendido como um movimento político e social que ganha força após a Segunda Guerra Mundial com ativistas e intelectuais e que, pouco a pouco, passa a exercer uma influência decisiva sobre o Partido Republicano<sup>4</sup>. Como sugere Kim Phillips-Fein, ideologicamente ele nunca foi sistemático ou logicamente coerente, mas suas preocupações centrais sempre giraram em torno do anticomunismo, da defesa do livre mercado<sup>5</sup>, da oposição ao movimento de direitos civis e do comprometimento com normas sexuais tradicionais (Phillips-Fein 2011, 727).

O conservadorismo moderno norte-americano, de acordo com o historiador George H. Nash, se estrutura como movimento somente após 1945, quando as suas três principais correntes no período – libertarianismo, tradicionalismo e anticomunismo – juntaram forças em uma única coalizão. Nessa interpretação, o historiador deixa de lado uma série de outros atores, como Ayn Rand, mas elabora a primeira e, ainda hoje, principal síntese do movimento (Burns 2004). Nash é particularmente generoso quanto ao papel exercido por William F. Buckley Jr. como *ideological gatekeeper*, por supostamente ter promovido o expurgo de extremistas e adeptos de teorias da

---

<sup>3</sup> Ver Murphy, Paul V. *The Rebuke of History: The Southern Agrarians and American Conservative Thought*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2001.

<sup>4</sup> A influência fundamental sobre o Partido Republicano cresce, efetivamente, a partir dos anos 1960. Até aquele momento, no entanto, os dois partidos eram compostos por alas conservadores, progressistas e moderadas. A presença de conservadores no Partido Democrata ainda era considerável ao longo dos anos 1970, especialmente nos estados do sul. Para maiores detalhes sobre esse processo, ver Feldman, Glenn. *The Irony of the Solid South: Democrats, Republicans, and Race, 1865-1944*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2013; e Lassiter, Matthew D. & Joseph Crespino. *The Myth of Southern Exceptionalism*. New York: Oxford University Press, 2009.

<sup>5</sup> Essa é uma das características principais que diferenciam o conservadorismo norte-americano de outras matrizes europeias e não faltou quem observasse as possíveis contradições impostas pela fusão entre o dogmatismo do livre mercado e a defesa de imperativos morais tradicionais. Para uma das principais críticas no período em que essa fusão entrou, efetivamente, em vigor, ver Wolin, Sheldon. *Reagan Country*. New York Review of Books, Dec. 18:9. (1980).

conspiração, como a *John Birch Society*. Em torno da *National Review*, fundada por ele em 1955, Buckley teria reunido as principais vozes conservadoras e dado a elas alguma unidade, respaldo e legitimidade intelectual projetando o movimento nacionalmente.

Nash nunca ousou definir o que vinha a ser o “verdadeiro conservadorismo”. Em parte, porque a pergunta sobre a identidade do movimento estava no centro da discussão do próprio movimento. Os primeiros sinais de unidade vieram da oposição aos programas de bem-estar social promovidos por Franklin Delano Roosevelt, a partir de 1933. Porém, a popularidade de Roosevelt e a preocupação do país em torno do seu envolvimento na Segunda Guerra Mundial impediram que essa resistência ganhasse força antes de meados dos anos 1940.

Em 1945, finalmente, libertários tomaram a frente. Friedrich Hayek publicou nos Estados Unidos “O Caminho da Servidão”, no qual associava o *welfare-state* ao crescente medo do comunismo internacional. No livro, o filósofo austríaco afirmou existir uma afinidade entre todas as formas de coletivismo, seja ele de matriz socialista, fascista ou modelos de bem-estar social, como o *New Deal*. De acordo com esse argumento, em países como a Inglaterra e os Estados Unidos, o risco de um totalitarismo não viria pelas mãos de revolucionários, mas como resultado não planejado de ingênuos democratas que acreditaram inocentemente na utopia de um Estado promotor do bem-estar geral. Afinal, como afirma Hayek, “fascismo e nacional-socialismo nasceram da experiência de uma sociedade cada vez mais planificada” (Hayek 2010, 125)<sup>6</sup>.

Segundo Bjerre-Poulsen, o que Hayek havia feito pelos libertários, o filósofo Russell Kirk realizou pelo que Nash chamou de corrente tradicionalista. Em 1953, Kirk publicou “The Conservative Mind: From Burke to Eliot”, no qual defendia que a sociedade civilizada demandava ordem e classes (Bjerre-Poulsen 2014, 23). Mais importante do que o livre mercado, ou mesmo a liberdade individual, era a preservação do tecido social e da comunidade. A preocupação dos intelectuais tradicionalistas era com fenômenos como o secularismo e o relativismo, que associavam tanto à esquerda quanto à modernidade. Para reverter esse processo, eles defendiam um retorno às tradições religiosas e sua clareza moral como solução para superar o que julgavam ser um vácuo espiritual. A reação conservadora, nesse sentido, representava um processo de regeneração do espírito e restauração do entendimento ético, o que, para o filósofo, significava o

---

<sup>6</sup> O argumento não era particularmente novo nos Estados Unidos. Em 1936, Irénée du Pont, empresário e um dos pioneiros na reação corporativa às medidas de Roosevelt, afirmou que o *New Deal* não passava de socialismo com outro nome (Phillips-Fein 2009, 5). A ideia circulava entre os primeiros opositores de Roosevelt. Antes de Hayek, outras publicações fizeram argumentos análogos, em especial *Our Enemy the State* (1935), de Albert Jay Nock, e *Collectivism: A False Utopia* (1937), de William Henry Chamberlain. Enquanto Nock e Chamberlain tiveram, no momento da publicação, um impacto localizado em sua base, *O Caminho da Servidão* foi bem recebido e o filósofo austríaco foi rapidamente projetado no cenário político-literário norte-americano. Para mais detalhes, ver Richard Cockett. *Thinking the Unthinkable: Think Tanks and the Economic Counter-Revolution, 1931-83*. London: Fontana Press, 1995).



solo estável dos absolutos religiosos “sobre os quais está fundamentada qualquer vida que vale a pena ser vivida.” (Kirk 2001, 45)

A ideia de que as duas correntes - libertária e tradicionalista - estavam de alguma forma alinhadas não é natural. Kirk nunca se considerou particularmente aliado de Hayek e seus pares. A própria ideia de um libertário conservador lhe parecia absurda (Bjerre-Poulsen 2014, 25). Filósofos tradicionalistas não priorizavam questões econômicas. O filósofo Richard Weaver, por exemplo, desassociava opulência e conforto à sabedoria e virtude: “não há correlação entre o grau de conforto alcançado e as façanhas de uma civilização. Ao contrário, o interesse excessivo pelo bem-estar material é um dos sinais mais seguros da decadência atual ou iminente” (Weaver 2012, 131). Weaver tampouco acreditava que a liberdade poderia ser um fim em si mesmo. O fundamental para ele era o reconhecimento do valor da virtude e o senso de dever perante o interesse geral da sociedade. Nada poderia ser mais distante da visão racionalista dos libertários, para quem a sabedoria da tradição era pouco decisiva. O fundamento e a força dos Estados Unidos, na visão libertária, não estava no exemplo moral e virtuoso dos pais fundadores, mas na força de uma economia movida pela livre-iniciativa e o papel dos mercados como selecionador de uma aristocracia natural (Bjerre-Poulsen 2014, 24-25).

Não havia, portanto, tantos pontos em comum entre as duas correntes. O que existia, e isso foi suficiente por décadas, era o desprezo e a rejeição por todas as formas de coletivismo. De acordo com Nash, Buckley desempenhou seu papel de unificador do movimento enfatizando exatamente esse ponto. O passo dado por Roosevelt de desenvolver um *Welfare State* nos Estados Unidos foi atacado por libertários por se tratar, na opinião deles, de uma forma mais branda, porém não menos perigosa de socialismo. Tradicionalistas enfatizavam o mesmo ponto chamando atenção, no entanto, para o fato de que, em plena Guerra Fria, a esquerda não era forte o suficiente para enfrentar o inimigo comunista. Faltava a ela, como Richard Weaver destacava, fé e valores transcendentais que lhes permitissem reconhecer o tamanho da ameaça imposta pelo materialismo ateu socialista. Além disso, era comum que questionassem como democratas promotores do *New Deal* poderiam combater um inimigo com o qual, de certa forma, se identificavam?

Além de libertários e tradicionalistas, Nash fala em uma terceira variante, composta por militantes anti-comunistas. Porém, distinta das duas primeiras correntes, essa terceira é muito mais uma argamassa ideológica do que uma entidade com posição política própria (Burns 2004, 448). Trata-se de um grupo pouco coeso de intelectuais que abandonaram a esquerda e, impactados pela emergência do totalitarismo, se viam no pós-guerra convencidos de que o ocidente estava diante de uma disputa titânica contra um inimigo implacável (Nash 2006). James Burnham, um de seus principais nomes junto de Whittaker Chambers, julgava que a Guerra Fria era uma batalha espiritual

---

na qual a civilização ocidental lutava por sua própria existência. O argumento não era sobre o vácuo espiritual deixado pelo relativismo da esquerda, como no caso dos tradicionalistas, ou da ameaça das liberdades imposta pela planificação econômica do *New Deal*. O anticomunismo desses militantes era sua causa fundamental, seu ponto de partida, não uma consequência ou uma ameaça futura (Burns 2004, 448).

Foi da urgência de enfrentar esse inimigo existencial que Buckley procurou agrupar essas três correntes em um único movimento, proporcionando a ele um mínimo de coesão e respeitabilidade intelectual. A liga fundamental era, portanto, o consenso em torno de que, a despeito de suas diferenças, havia uma prioridade fundamental. Em meados dos anos 1960, esses diferentes grupos parecem ter encontrado um equilíbrio estável em torno do que Frank S. Meyer – que dividia a editoria da *National Review* com Buckley – chamou de fusionismo. Tratava-se, basicamente, da razão operando dentro da tradição, da aliança circunstancial, e consciente, de todos os conservadores em torno de ideias como uma ordem moral clara e objetiva: o valor do indivíduo em detrimento ao Estado, suspeitas sobre o planejamento econômico, o respeito à mensagem original da Constituição e, sobretudo, o anticomunismo (Burns 2004, 449).

Assim, com esse título pomposo criado por Mayer, Nash justificava o fusionismo como a aliança racional e estratégica do conservadorismo norte-americano. O termo serviu como suposto marco histórico do nascimento de uma espécie de conservadorismo responsável, livre das associações com ideias extremistas. Em suma, Buckley e a *National Review* procuraram aferir legitimidade às diferentes vozes da direita incluindo todas em um único movimento.

### **A direita vitoriosa, e dividida**

Em 1976, quando Nash publicou seu clássico, o movimento conservador já tinha colocado de pé uma complexa e sofisticada rede de revistas e *think tanks* muito bem financiados por grandes corporações, como a Koch Industries. A imagem de uma minoria de rebeldes confrontando o consenso liberal – que até hoje é cultivada por muitos conservadores – já não fazia sentido. Naquela altura, duas outras correntes se juntaram à coalizão descrita por Nash: a direita religiosa, chamada também de *Social Conservatives*, e os neoconservadores.

Em linhas gerais, a direita religiosa é resultado de uma mobilização de base religiosa, composta por protestantes, evangélicos e pentecostais, além de alguns católicos e judeus ortodoxos preocupados com temas como aborto e educação sexual nas escolas. Embora tenham contado com figuras que agiam como líderes com alguma ambição política própria, como Pat Robertson, os *social conservatives* se comprometiam quase exclusivamente com suas pautas pontuais sem aspiração a uma visão própria de conservadorismo. Na maioria das vezes, suas ações políticas se limitavam a buscas



por alianças circunstanciais com agentes que podiam ocasionalmente representar seus interesses. Os neocons, por outro lado, representavam, de fato, uma corrente de pensamento particular dentro do movimento. Conhecidos por terem sido, na juventude, democratas defensores do *New Deal*, o grupo de intelectuais – liderados por Irving Kristol e Norman Podhoretz – migrou para a direita por reprovar as posições do Partido Democrata no que diz respeito a política externa, os movimentos de contra-cultura nos anos 1960 e 1970, e – sobretudo – a oposição à Guerra do Vietnã.

Essencialmente compostos por intelectuais com forte ligação com uma elite militar, os neoconservadores foram recebidos com alguma desconfiança pelos demais. Ao contrário do cristianismo militante dos tradicionalistas, os neocons eram, em sua maioria, judeus mais comprometidos com o apoio a Israel do que com qualquer transcendentalismo religioso. Defendiam o livre mercado, como os libertários, mas não eram radicalmente contra todas as políticas de bem-estar social e, diferente da direita religiosa, constituída como um movimento de base, o neoconservadorismo nunca perdeu seu caráter elitista. A semelhança fundamental era (mais uma vez) o anticomunismo radical, do qual derivava um entendimento efusivo sobre as virtudes da civilização americana e a defesa de uma política externa abertamente agressiva.

Assim, no final dos anos 1970, o fusionismo parece ter chegado no seu auge com a coexistência e colaboração entre suas diferentes vozes. Organizados agora em cinco correntes, conservadores de todos os tipos celebraram juntos a vitória de Ronald Reagan em 1980. Tradicionalistas e religiosos viam nele a encarnação do grande defensor dos valores da família tradicional. Libertários se sentiam representados pela retórica contra o *big government*, enquanto os sentimentos anticomunistas se davam por satisfeitos com a gravidade com que Reagan tratava o adversário soviético – a ponto de abandonar, no começo do primeiro mandato, a estratégia da *détente* em nome de uma política externa mais agressiva (Fischer 2000). Em suma, a administração Reagan deu ao movimento conservador a percepção de que havia, finalmente, triunfado.

O problema é que, uma vez unidos e em posição de poder, era natural que discordâncias internas produzissem disputas por espaço na nova administração. Nash costuma valorizar o ano de 1989 como um marco fundamental, quando Reagan deixa o poder e a Guerra Fria termina. Para o historiador, esse seria o começo do fim do fusionismo, o momento em que cada corrente passa a cuidar particularmente de suas próprias causas (Nash 2016). É possível, no entanto, reconhecer já nos anos 1980 os primeiros sinais de ruptura.

A entrada em cena dos neoconservadores e sua ascendência sobre os responsáveis pela política externa norte-americana criou um ambiente abrasivo dentro da direita muito antes da queda do Muro de Berlim. Mais do que anticomunistas, os neocons defendiam um conjunto de crenças

---

sobre a superioridade moral dos Estados Unidos, a importância de proteger as vidas de seus cidadãos e a obrigação de garantir uma ordem internacional através de sua força militar.

Desde o começo nos anos 1980, vozes dissonantes se levantaram contra essas posições. O opositor imediato mais direto foi Patrick Buchanan, que servira na administração Nixon e seguia fiel à antiga direita isolacionista dos anos 1930 e 1940. Buchanan criticava o que julgava serem aspirações imperialistas dos neocons. Ele não estava sozinho. Libertários, sempre preocupados com o tamanho do Estado e o desequilíbrio do orçamento federal, também eram hostis aos excessos de gastos militares que tais políticas exigiam. A direita religiosa, por sua vez, não era exatamente contra uma política externa agressiva. Mesmo assim, havia a percepção geral de que as questões sociais e morais mais relevantes aos cristãos nunca foram prioridade para os neocons.

Parcialmente dentro do movimento e declarando explicitamente uma agenda própria, os neocons operaram como um elemento perturbador entre as diferentes vozes que disputavam a atenção de Reagan depois de eleito. Talvez seja justo colocá-los, portanto, como grupo-chave nos desdobramentos da direita americana nos anos 1990 e 2000. Como veremos, entre a vitória americana sobre a União Soviética e a Guerra ao Terror, a influência de intelectuais neocons oscilou de acordo com as necessidades do país e os efeitos sobre triunfos e fracassos internacionais. Internamente, no entanto, sua emergência meteórica foi decisiva na fragmentação do fusionismo.

Em 1981, quando a nova administração republicana se preparava para tomar posse, Melvin B. Bradford, professor da Universidade de Dallas, foi sugerido a Reagan para presidir a *National Endowment for the Humanities*. Bradford, conservador associado aos *States Rights Democratic Party*, trabalhou pela eleição de Reagan e era bastante respeitado por muitos no movimento, como Russell Kirk. A indicação, no entanto, sofria forte resistência de neocons, que preferiam o nome de William J. Bennett. Antes que o novo presidente pudesse bater o martelo, escritos de Bradford sobre Abraham Lincoln foram divulgados pelo *New York Times* (supostamente entregues por Irving Kristol e seus pares). Nos artigos, Bradford teria chamado o ex-presidente responsável pela libertação dos escravos de “um homem perigoso” e afirmado que seu legado estava longe da reputação virtuosa que gozava (Clines e Weinraub, 1981). Bennett não só venceu a disputa como se transformou em uma figura importante na nova administração, a ponto de ser nomeado, no segundo mandato de Reagan, para o posto de Secretário de Educação.

O episódio foi o ponto de partida para uma nova rivalidade interna na direita americana. Bradford teria seu nome, posteriormente, associado ao que ficou conhecido como paleoconservadorismo, um termo retrônimo cunhado nos anos 1980 para descrever um tipo de conservadorismo que estava em vias de ser extinto (Fawcett 2020, 368). No intuito de afirmar sua maior autenticidade, a ideia da nomenclatura era, sobretudo, marcar de uma maneira enfática a

---

diferença fundamental para com os emergentes neocons. A grande maioria dos autores e intelectuais identificados como paleos já estavam há muito na ativa, como Buchanan. O novo selo serviu apenas como um posicionamento estratégico dentro do rearranjo de forças na direita americana, com a crescente influência de seus adversários.

O que se vê nesse período não é exatamente uma diluição das demais correntes, mas um sutil rearranjo no qual o antagonismo entre neocons e paleos se apresenta como dois polos sobre os quais as demais visões orbitam. Do lado dos neocons, podemos identificar o anticomunismo estratégico, caracterizado por preocupações permanentes com questões relacionadas com segurança nacional e o medo do crescimento da influência soviética pelo mundo. Os defensores do livre comércio, sobretudo os que acreditavam na relação congruente entre a promoção da democracia e o livre mercado, como os libertários, não tinham dificuldade em se associar a essa posição. A projeção do poder norte-americano pelo mundo era, afinal, tanto uma estratégia econômica – apoiada na globalização de cadeias produtivas e expansão das empresas multinacionais – quanto militar.

Do outro lado, paleoconservadores procuravam articular uma aliança crítica contra o excessivo engajamento internacional. Associando os interesses de grandes corporações à falta de comprometimento com a nação, Buchanan, articulou um ataque ao que julgava ser o fundamentalismo do livre comércio, sua suposta relação com as elites globais e o deslocamento de empresas manufatureiras norte-americanas para outros países:

In 1950, a third of our labor force was in manufacturing, and ours was the most self-sufficient republic the world have ever seen. Now only 11 percent of U.S. workers are in manufacturing, which is in a death spiral, and it is not a natural death. It is premeditated murder. **Globalists and corporatists plotted the evisceration of American manufacturing with the collusion of free-trade fundamentalists** who cannot see the theories they were fed by economics professors in college are killing the country they profess to love (Buchanan 2004, 154).

Além do nacionalismo econômico, a crítica ao cosmopolitismo dos paleos incluía também um forte discurso contra a imigração e uma defesa incondicional dos valores da família tradicional (Buchanan 2004, 219). Nesse caso, eles eram capazes de atrair parte da direita religiosa e de intelectuais tradicionalistas para seu lado.

A maior, e mais estridente diferença entre os dois polos, no entanto, dizia respeito à política externa. Paleos julgavam descender de uma tradição conservadora anterior aos anos 1950, composta por republicanos isolacionistas responsáveis, entre outras coisas, pela não inclusão dos Estados Unidos na Liga das Nações no entreguerras. O argumento aqui, em parte, gira em torno da alegação de respeito às tradições americanas, encarnadas pelos pais fundadores – em especial a George Washington que, no seu discurso de despedida, recomendara às futuras gerações tirar

---

proveito da posição geográfica isolada dos Estados Unidos para evitar maiores comprometimentos com os assuntos europeus.

Os neocons, por outro lado, eram deliberadamente associados à tradição internacionalista que remontava ao ex-presidente Woodrow Wilson. Sem base popular, seus membros eram restritos, originalmente, a uma pequena rede de intelectuais profissionais. Na verdade, os neocons nunca produziram, efetivamente, um movimento político próprio. Sua influência dependia do sucesso e patronato de uma elite política. Nos anos 1970, eles galgaram espaço lentamente ao ganharem algum reconhecimento em agências de segurança e órgãos de inteligência. Foi apenas com Reagan que ganharam espaço e passaram a chamar atenção dos demais conservadores (Lyons 2003, 392).

A campanha eleitoral de 1980, em meio às notícias da invasão soviética ao Afeganistão, contribuiu para que Reagan fosse cético à estratégia da *détente*. A exigência de uma postura mais agressiva foi decisiva para uma maior aproximação com neocons (Garthoff 1994). Jeane Kirkpatrick, por exemplo, cientista política e uma das neocons mais publicamente conhecidas, serviu como conselheira para política externa na campanha de Reagan e, posteriormente, foi indicada por ele para o cargo de embaixadora do país nas Nações Unidas. Além de Kirkpatrick, outros intelectuais foram indicados para importantes postos na administração, como Elliott Abrahams, que posteriormente teve um papel central na atuação norte-americana na América Latina.

Como consequência, os Estados Unidos congelaram as negociações sobre o controle de armas com os soviéticos e, em 1983, o país anunciou o programa Iniciativa Estratégica de Defesa, que almejava a construção de um ambicioso sistema de defesa anti-mísseis visando impedir um ataque nuclear contra o território americano. Por outro lado, o alto gasto com sistemas de segurança e armamentos teve um forte impacto sobre o governo federal. Com Reagan, o orçamento militar saiu de U\$ 143 bilhões, em 1980, para mais de U\$300 bilhões em 1985 (Thompson 2017). Esse difícil equilíbrio entre gastos federais e corrida armamentista aumentaram a tensão entre paleos e neocons.

Buchanan, que desde a renúncia de Nixon trabalhara quase exclusivamente como comentarista político, foi convidado em 1985, já no segundo mandato de Reagan, para assumir o cargo de Diretor de Comunicação da Casa Branca. As circunstâncias não eram as mais favoráveis a ele e os dois anos em que ficou no cargo serviram para confirmar suas suspeitas de que os republicanos haviam desperdiçado uma grande oportunidade para adiantarem a “verdadeira” agenda conservadora. Quando deixou o governo, Buchanan saiu convicto de que existia um vácuo político a ser preenchido à direita de Reagan (Blumenthal 1987).

---

## O pós-Guerra Fria

Advogados de uma versão moderna do Destino Manifesto, os neocons teoricamente saíram fortalecidos dos oito anos de administração Reagan e, sobretudo, do fim da Guerra Fria, em 1989. Afinal, os Estados Unidos finalmente celebravam o triunfo sobre os soviéticos e se estabeleciam como a última grande potência do século XX. A direita podia abaixar a guarda e estabelecer novas prioridades agora que o inimigo comunista não mais existia.

A vitória, porém, veio com um sabor agri-doce. Embora os republicanos tenham assegurado sua continuidade na Casa Branca com George H. W. Bush, a divisão interna entre diferentes vozes conservadoras não arrefeceu. Aqueles que orbitavam em torno das ideias defendidas pelos paleos finalmente se sentiam livres para advogar em nome do isolacionismo internacional, enquanto os neocons se mobilizavam em torno de um missionarismo sob a bandeira da promoção da democracia pelo mundo.

O novo presidente, por sua vez, escolheu um caminho independente. Bush ditou uma política externa marcada pela prudência, optando, por exemplo, por um tom conciliatório para com os russos, o que desencorajou movimentos revanchistas em um país em crise. Sua postura estável e moderada também deve ser creditada pelo sucesso nas delicadas negociações que resultaram na reunificação da Alemanha (dentro da OTAN) e na dissolução pacífica do Pacto de Varsóvia. Com a experiência de quem foi vice-presidente e diretor da CIA, Bush não fechou o país para o mundo, nem criou nos seus aliados a desconfiança de que estava disposto a agir unilateralmente. Em outras palavras, o novo presidente procurou garantir que o fim da Guerra Fria efetivamente significasse paz (Powaski 2019).

Curiosamente, a despeito do seu tom conciliador, Bush acabaria atacado tanto por neocons quanto pelos paleos. Os primeiros se queixavam, naturalmente, da timidez e modéstia americana na política externa. Segundo estes, ao se comprometer com o multilateralismo, a nova administração deixava claro que questões de segurança nacional estavam subordinadas à estabilidade – e paz – internacional (Powaski 2019). Quando foi forçado a agir, Bush não hesitou, mas foi fiel ao seu discurso. Foi preciso que Saddam Hussein invadisse e anexasse o Kuwait para que decidisse mobilizar as forças armadas. Ainda assim, a resposta foi organizada seguindo os ritos do Conselho de Segurança das Nações Unidas e através de uma coalizão que, no total, contou com a participação de 39 países.

O imperdoável para os neocons foi assistir o país vencer a guerra e, ainda assim, permitir que Saddam Hussein permanecesse no poder, em 1991. O entendimento na Casa Branca era o de que sua remoção imediata poderia desestabilizar ainda mais a região. Naquela altura, a oposição à decisão foi discreta, mas o episódio criou uma verdadeira obsessão dos neocons pelo Iraque. Por

---

quase uma década, diversos intelectuais voltavam ao tema sugerindo, sempre com urgência, a mudança de regime no país (McHargue 2005)<sup>7</sup>.

Nos anos 1990, os Estados Unidos davam sinais de que não estavam dispostos a pensar novamente em grandes conflitos internacionais. Isso não impediu que a *intelligentsia* neocon se planejasse para eles. O mais ambicioso dos planos, um documento preparado por Paul Wolfowitz – que, desde os anos 1980, se estabelecera como um dos principais cientistas políticos associados aos neocons – veio a público por conta de um furo do New York Times, em 1992. Conhecido como *The Defense Planning Guidance*, o texto foi comissionado por Dick Cheney e defendia uma série de medidas visando prevenir a emergência de algum rival internacional que, futuramente, pudesse por em risco a condição de única superpotência dos Estados Unidos. Wolfowitz também sugeria que os Estados Unidos poderiam, em breve, se deparar com a possibilidade de agir preventivamente para evitar que um inimigo em potencial possa adquirir armas de destruição em massa. Nesse caso, a recomendação do documento era, de fato, que o país se antecipasse para impedir uma ameaça de tal natureza (Gaddis 2002).

Naquela altura, faltava a eles um inimigo concreto que ajudasse a dar credibilidade para sua visão de mundo. O mais próximo que poderiam encontrar era, de fato, o Iraque. No começo dos anos 1990, no entanto, Saddam Hussein não representava uma ameaça estratégica aos Estados Unidos, e é improvável que isso tenha mudado depois da derrota na Guerra do Golfo. Ainda assim, sua continuidade no poder passou a ser utilizada repetidamente por neocons como símbolo da impotência da política externa norte-americana no pós-Guerra Fria (Record 2004, 17).

O ataque dos paleos sobre a administração Bush foi ainda mais incisivo. Em 1986, um ano antes de deixar a Casa Branca, rumores sobre Buchanan disputar a presidência foram ventilados pelo próprio irmão do suposto candidato. Naquele momento, a administração Reagan mantinha o conservadorismo norte-americano sob um mesmo teto e Buchanan se limitava a falas protocolares a respeito. Sua percepção, no entanto, era de que o movimento conservador havia sido tomado de assalto por um grupo de impostores que nunca completaram, de fato, sua transição para a direita. Parte do ressentimento criado com os neocons se devia ao fato do grupo ter sido extremamente bem sucedido em assumir o controle de uma série de publicações e instituições conservadoras, como a *Heritage Foundation* e o *American Enterprise Institute*, além de suas devidas – e fundamentais – redes de financiamento.

---

<sup>7</sup> A preferência desses intelectuais por escreverem, não livros, mas textos curtos em diversas revistas conservadoras dificulta o trabalho de quem investe sobre alguns debates localizados. Nesse sentido, o trabalho feito por Ryan McHargue em sua dissertação “Neoconservatism and Iraq” é um dos levantamentos mais completos disponíveis sobre editoriais e textos de opinião de intelectuais neocons exigindo com veemência a remoção imediata de Saddam Hussein do poder ao longo dos anos 1990.



Para Paul Gottfried, a quem se atribui a autoria do termo paleoconservadorismo, os neocons, descritos por ele como um grupo de jornalistas que combinavam sentimentos antisoviéticos e fervorosas simpatias sionistas, assumiram uma posição dominante no movimento conservador já nos anos 1980. E, uma vez no poder, removeram todos aqueles que se recusavam a colaborar com seu internacionalismo liberal: “The neconservative model of conservatism became permanent as their ideological and financial influence over the movement proved to be irreversible” (Gottfried 2020, 5).

Há, naturalmente, um certo exagero por parte desse tipo de discurso. É difícil reconhecer essa vitória irreversível dos neocons em 2020, quando Gottfried publicou esse comentário. Porém, essa é a história extra-oficial que os paleoconservadores contam sobre sua suposta marginalização. Como lembra Edmund Fawcett, ela é particularmente oportuna para figuras como Buchanan, que gostam de jogar o jogo do *outsider-insider*, incitando seus seguidores contra elites intelectuais, pouco importando o fato de pertencerem, eles próprios, a uma elite (Fawcett 2020, 370).

Outro ponto importante nessa narrativa é a ideia de que, uma vez tomado pelos neocons, o movimento conservador se encontrava inteiramente sob controle destes. Nesse sentido, restava aos paleos, *the true believers*, a tarefa de defender o legado conservador. E foi precisamente esse o tom que Buchanan assumiu quando anunciou que iria desafiar George H. W. Bush – um presidente republicano buscando a reeleição – nas primárias do partido, em dezembro de 1991: “[Bush] is a globalist and we are nationalists. He believes in some Pax Universalis; we believe in the old Republic. He would put America’s wealth and power at the service of some vague New World Order; we will put America first.” (Toner 1991, 12).

Uma das cenas mais emblemáticas da eleição anterior, em 1988, foi protagonizada por Bush no discurso em que aceitou a nomeação do Partido Republicano. Preocupado com a falta de entusiasmo por parte dos eleitores conservadores, e tendo em pauta a discussão sobre impostos, o então candidato subiu no palco e fez questão de enfatizar: “Read my lips: no new taxes” (Defrank 1994). A promessa, no entanto, foi quebrada e, quatro anos depois, Buchanan aproveitava para lembrar os eleitores distribuindo camisetas com a frase.

A campanha procurou mobilizar a base religiosa conservadora ao incluir no debate temas como aborto, direito dos homossexuais e educação sexual nas escolas. Distante do que Buckley chamaria de conservadorismo responsável, Buchanan fez um pesado discurso anti-imigração atacando políticos tradicionais e sua tolerância ao multiculturalismo. No centro da candidatura, naturalmente, estava sua recorrente defesa da primazia dos assuntos internos, como o desemprego, produzido nos anos 1980 com a globalização e a desindustrialização, em detrimento do ativismo internacional do país. Aproveitando a referência ao AFC (*American First Committee*), um grupo

---

político da primeira metade do século XX contrário à entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, Buchanan sintetizava sua candidatura com o slogan *America First*.

No fim, apesar de um bom desempenho em New Hampshire, o desafiante acabou derrotado. Bush também terminaria não sendo reeleito e uma parte do fracasso republicano seria atribuída, posteriormente, a conduta de Buchanan nas primárias. A outra parte da culpa, segundo muitos analistas, recaía sobre Ross Perot, um industrialista do Texas que concorreu como independente nas eleições principais. Se Perot, de fato, dividiu o eleitorado republicano a ponto de determinar o resultado e favorecer Bill Clinton é uma discussão em aberto (Lacy e Burden, 2009). No que diz respeito ao futuro da direita norte-americana, no entanto, a eleição de 1992 é vista hoje por muitos como uma importante sinalização sobre o crescimento do populismo entre conservadores<sup>8</sup>.

De acordo com Geoffrey Kabaservice, o movimento produzido por Perot tinha características em comum ao *Tea Party*, que surgiria em 2009, e a Donald Trump, em 2016: todos são movimentos de base surgidos em momentos de temor com a economia, formados por uma maioria branca, masculina e temerosa sobre o próprio futuro. Além disso, eles representam uma revolta contra a política tradicional e endossam um nacionalismo econômico, além de nutrirem um enorme ressentimento quanto à mídia e o *establishment* - um termo amorfo, segundo Kabaservice, podendo se moldar de acordo com os desgostos dos populistas (Kabaservice 2019). O fato de Perot ter atraído quase 19% dos votos populares na eleição geral sugeria que Buchanan estava certo quanto à existência de um espaço mais à direita a ser ocupado, embora, naquele momento isso não fosse suficiente para eleger um *outsider*.

## Os anos 1990 e o triunfo dos Neocons

No verão do ano 2000, o cientista político Corey Robin teve a chance de encontrar e entrevistar William F. Buckley Jr. e Irving Kristol. Naquela altura, dois grandes nomes do campo conservador – Edward Luttwak e John Gray – haviam trocado de lado e Robin queria ouvir a opinião deles a respeito: “Over the course of our conversations, however, it became clear that Buckley and Kristol were less interested in these ex-conservatives than they were in the sorry state of the conservative movement and the uncertain fate of United State as a global empire”. Segundo

---

<sup>8</sup> Para uma discussão recente sobre o conceito de populismo e o contexto norte-americano, ver Judis, John B. *The Populist Explosion: How the Great Recession Transformed American and European Politics*. New York: Columbia Global Reports, 2016; Rahn, Wendy. “Populism in the US: the evolution of the Trump constituency” in Hawkins, K. A., Carlin, R. E., Litvay, L., and Kaltwasser, C. R. (eds.). *The Ideational Approach to Populism: Concept, Theory, and Analysis*. New York: Routledge, 2018.

Robin, o fim do comunismo e o triunfo do livre mercado tinham, para eles, o sabor de uma vitória amarga (Robin 2004, 275).

O país vivia os louros de ser a única superpotência restante. Porém, ao contrário de se deliciarem com as benesses da paz e da prosperidade, Buckley e Kristol lamentavam que o conservadorismo tenha se limitado ao livre mercado: “The trouble with the emphasis in conservatism on the market is that it becomes rather boring”, disse Buckley. Kristol foi ainda mais longe, ao se perguntar que tipo de vantagem teriam os Estados Unidos – ou mesmo o resto do mundo – se a última superpotência abrisse mão de sua missão imperial: “what’s the greatest, most powerful nation in the world and not having an imperial role? It’s unheard of in human history. The most powerful nation always had an imperial role” (Robin 2004, 275).

A verdade é que, com a derrota do comunismo internacional, o país procurou outros caminhos para definir sua nova identidade no mundo. Ao contrário da prescrição imperial de Kristol, Joseph Nye, assistente na Secretaria de Defesa de Bill Clinton, enfatizava, no novo contexto, a eficácia do *soft power*, centrado tanto no dinamismo da economia norte-americana quanto na sua projeção cultural (Nye 1990). Clinton tinha motivos para justificar sua posição. Em 1992, venceu nas urnas o presidente que terminou com a Guerra Fria e que venceu a única guerra que começou, o que o levava a considerar que o eleitorado norte-americano não estava mais tão interessado em política externa. Ao invés disso, o presidente democrata apostava na globalização e o que ela proporcionava como oportunidade para expansão de mercados.

Essa dinâmica foi lembrada quando o país foi atacado, em 2001, especialmente por neocons, que reagiram com uma espécie de alívio trágico. Primeiro porque viam no terrorismo internacional o substituto para o vácuo deixado pela União Soviética como o inimigo externo que colocava em risco a vida de cidadãos americanos. Segundo, e mais importante, porque os eventos pareciam justificar sua visão de mundo centrada na projeção de poder militar pelo globo. Os neocons, afinal, haviam pregado no deserto da prosperidade nos anos Clinton. Com o país inteiro transtornado pelos ataques, eles lembravam que passaram anos avisando que algo do gênero poderia acontecer. David Brooks, um dos seus mais conhecidos autores, se queixava da presunção de harmonia dos anos 1990, como se não existissem mais conflitos fundamentais. Rapidamente uma avalanche de artigos no mesmo tom apareceram nas principais publicações da direita, com denúncias sobre a frivolidade do período:

Looking back, the striking thing about the 1990s zeitgeist was the presumption of harmony. The era was shaped by the idea that there were no fundamental conflicts anymore. The Cold War was over, and while the ensuing wars -- like those in Bosnia and Rwanda -- were nettlesome, they were restricted to global backwater (...) In that age of prosperity, the top sitcom was Seinfeld, a show about nothing (Brooks 2001).

O argumento girava quase sempre em torno da ideia de que, incertos sobre seu propósito, sobretudo sobre seu papel enquanto modelo para civilização ocidental no século XXI, os Estados Unidos se encontravam num estado de torpor quando foram atacados. Imóveis, flácidos, indispostos a acreditar que, enquanto desfrutavam de sua própria versão de *peace in our time*, seus inimigos se mobilizavam livremente. Segundo Robin, para os neocons, que seguiram Reagan em sua cruzada contra o comunismo, tudo que restou do seu legado nos anos 1990 foi seu otimismo com o mercado e a iniciativa privada. E, embora não fossem contra essa visão, eles simplesmente acreditavam que o capitalismo não era, em si, a maior conquista civilizatória. “They aspire to the epic grandeur of Rome, the ethos of the pagan warrior - or moral crusader” (Robin 2004, 274).

Não surpreende que tantos tenham tratado o 11 de setembro não apenas como uma grande tragédia nacional, mas também como o evento chave para o despertar nacional. Segundo Brooks, foi o culto de paz e prosperidade que distraiu Clinton de sua política externa e fez com que *Al Qaeda* concluísse que os Estados Unidos não eram um país sério. O choque causado pelas imagens de destruição no próprio território forçou os americanos a olharem novamente para além de suas fronteiras, dando aos conservadores – sobretudo aos neocons – foco e propósito quanto ao papel do império americano e suas responsabilidades internacionais (Brooks 2001).

George W. Bush, em seu primeiro ano de mandato, respondeu de forma semelhante. Antes dos ataques, poucos eram os sinais de qualquer alinhamento do presidente com as ideias defendidas pelos neoconservadores, mesmo com a presença em seu gabinete de figuras como Dick Cheney, Donald Rumsfeld e Paul Wolfowitz. Em sua campanha, em 1999, Bush se posicionou contra a intervenção dos Estados Unidos em outros países, afirmando que o uso da força militar não devia ser a resposta para qualquer dificuldade internacional (Haar 2010, 966). Foi justamente essa postura que fez com que muitos neocons apoiassem John McCain ao invés de Bush nas primárias republicanas (Wolfson 2004).

Tudo isso mudou em 2001. O choque e a atmosfera de surpresa e indignação deslocaram o centro da nova administração para a política externa e, por consequência, para os braços dos neoconservadores no governo. Segundo Condoleezza Rice, Conselheira de Segurança Nacional, a dificuldade em encontrar uma definição sobre o papel dos Estados Unidos depois dos atentados acabou: “I think September 11th was one of those great earthquakes that clarify and sharpen” (Lemann 2002). Bush abandonou em definitivo sua posição original e passou a falar em se tornar o presidente que refaria o Oriente Médio, trazendo aos países da região não apenas a paz, mas também democracia (Haar 2010, 966).

Se George W. Bush se converteu ao neoconservadorismo é uma questão discutida à parte<sup>9</sup>. Não existem atributos suficientes que possam atestar de forma definitiva uma transição de tal tipo. Tampouco os neocons se apresentam de forma única e homogênea como um uníssono movimento. O que é possível identificar com alguma clareza é a necessidade circunstancial de um jovem presidente – no seu primeiro ano do seu primeiro mandato – em se afirmar e definir uma resposta enfática ao mais mortal ataque em solo americano, desde Pearl Harbor. E é possível que nenhum outro grupo presente no governo, ou mesmo no Partido Republicano, estivesse tão seguro de si quanto à resposta a ser dada em um momento tão extraordinário.

O neoconservadorismo não defende propriamente um conjunto específico de políticas. Nas palavras de James Quinn Wilson: “there is no such a thing as a neoconservative manifesto, credo, religion, flag, anthem, or secret handshake”. O que existe, afinal, não é uma visão de mundo particular, mas uma filosofia política militantemente pró-Estados Unidos (McHargue 2005, 3-4). Foi essa visão que se tornou dominante para Bush a partir de setembro de 2001.

Poucas semanas depois dos atentados, seu gabinete tinha identificado os agressores, e iniciado uma aventura militar nos rincões do Afeganistão atrás das principais lideranças da *Al Qaeda*. No discurso do *State of Union*, em janeiro de 2002, Bush ampliou o escopo de sua missão e usou pela primeira vez o termo “Eixo do Mal” para descrever Irã, Coreia do Norte e Iraque, países que supostamente apoiavam grupos terroristas e que estariam em busca de armas de destruição em massa.

A expressão foi cunhada por David Frum, autor do discurso e intelectual conservador que teve uma rápida projeção nacional depois de migrar de publicações convencionais, no início dos anos 90, para instituições neocons como o *The Weekly Standard*, fundado por Bill Kristol, filho de Irving Kristol. “Eixo do Mal” toca em duas características fundamentais do neoconservadorismo: (1) a visão de um universo moral com uma divisão clara entre as forças do dia e da noite, entre o bem e o mal (Noon 2007, 78), e (2) a ideia de que era imperativo para segurança dos Estados Unidos agir preventivamente, para além de suas fronteiras, se quisesse evitar um novo ataque em seu território. Porém, diferente da aliança entre Alemanha, Itália e Japão, na Segunda Guerra Mundial, a única ligação entre os países nesse novo eixo era a atribuição de antagonismo feita por figuras como Frum.

---

<sup>9</sup> Entre os autores que questionam a preeminência do neoconservadorismo sobre a administração de George W. Bush, o principal é o historiador francês Justin Vaïsse. De acordo com Vaïsse, o papel desses intelectuais tanto precede a presidência de Bush quanto transcende a linha partidária, se fazendo valer, sobretudo, como um ponto de vista sobre política externa que rivaliza com as principais teorias, como o realismo e o internacionalismo liberal. (Vaïsse 2010).

Seja como for, os Estados Unidos estavam novamente em guerra e os neocons tinham em mãos uma série de novos alvos para os próximos anos. Sua visão agressiva sobre política externa contrariava o pragmatismo do *establishment* militar e, em outros momentos, isso seria o suficiente para que moderassem sua posição. As circunstâncias, no entanto, os encorajavam. Os Estados Unidos foram atacados no seu próprio território, tornando possível vender o argumento simplista sobre suposto ódio que os terroristas nutriam pelo país (Lyons 2003, 395). Menos de duas semanas depois dos ataques, falando ao Congresso, Bush assumiu esse discurso ao tentar explicar as razões para os atentados: “They hate what they see right here in this chamber: a democratically elected government. Their leaders are self-appointed. They hate our freedoms: our freedom of religion, our freedom of speech, our freedom to vote and assemble and disagree with each other.” (Bush 2001).

Em outubro, Max Boot, historiador identificado com os neocons, pedia publicamente a deposição de Saddam Hussein, mesmo que o Iraque não tivesse qualquer envolvimento com o 11 de Setembro. Sua justificativa – a suposta intenção do ditador em adquirir armas de destruição em massa – seria a mesma utilizada pelo governo meses depois. A segurança dos Estados Unidos e de seus aliados, segundo essa visão, dependia de ações preventivas para além de suas fronteiras. As populações oprimidas dos países alvos dessas ações, por sua vez, receberiam tal gesto como um ato de libertação há muito aguardado: “Afghanistan and other trouble lands today cry out for the sort of enlightened foreign administration once provided by self-confident Englishmen in jodhurs and pith helmets” (Boot 2001).

Foi essa crença radical no evangelho da civilização norte-americana que fez com que os Estados Unidos dispensassem o Conselho de Segurança da ONU para invadir o Iraque, em 2003. Diferente da apatia e da suposta ilusão de que os conflitos fundamentais estavam encerrados, como nos anos 1990, a identidade americana estava novamente associada ao seu papel de destaque no mundo. Em parte, porque o orgulho americano havia sido ferido, em parte porque a resposta encontrada pelo governo republicano foi a adesão a um movimento intelectual com forte entrada tanto no partido quanto no movimento conservador. Nenhuma outra corrente conservadora era tão identificada com a política externa como os neocons. Como lembra Boot “this was a movement founded on foreign policy, and it is still here that neoconservatism carries the greatest meaning, even if its original *raison d'être* - opposition to communism - has disappeared” (Boot 2002).

## O pós 11 de Setembro

Poucas administrações tiveram tanto impacto na história recente americana quanto a de George W. Bush. Em janeiro de 2001, quando tomou posse, os sinais dados pelo discurso

---



conservador moderado criaram a expectativa de que sua administração não seria muito diferente da do seu pai. Oito anos depois, Bush deixou para seu sucessor um país comprometido com uma guerra sem fim à vista. A promessa feita anos antes – “America will be so much more powerful than any other state” – estava mais distante do que nunca e sua intervenção no Iraque, proposta não apenas para depor Saddam, mas para demonstrar ao mundo a capacidade de ação dos Estados Unidos em um mundo unipolar, resultou na desconfiança internacional quanto à liderança americana (Rielly 2008, 74).

No centro dessa história está, sem dúvida, o 11 de Setembro. Depois dos ataques, Bush, que antes pedia por uma liderança humilde dos Estados Unidos, reverteu sua posição. O país saiu em busca de terroristas nos estados que teoricamente os abrigavam. Sem o Conselho de Segurança da ONU, sem respaldo internacional, acreditando, talvez, que agindo com determinação e vigor o resto do mundo se alinharia naturalmente. Segundo John Rielly, o contrário aconteceu, e o país passou a ser visto como pária internacional: “influence to be sustained requires not just power, but the absence of resistance. Bush ignored the importance of persuasion”(Rielly 2008, 76).

Em maio de 2003, os Estados Unidos declararam oficialmente vitória sobre o Iraque de Saddam Hussein. As tropas, no entanto, não estavam voltando para casa. Batalhas localizadas se seguiram tanto no Afeganistão quanto no Iraque. Soldados continuavam morrendo e foi revelado, afinal, que as armas de destruição em massa no Iraque não existiam. Os americanos começaram a se perguntar se aquilo tudo teria valido a pena. A união nacional que deu a Bush, quase instantaneamente, um salto de 51% para 90% de aprovação uma semana depois dos atentados foi revertida de tal maneira que seus últimos meses de governo suas médias oscilaram entre modestos 28% e 34% (Eichenberg, Stoll, Lebo 2006).

A percepção de fraqueza do presidente transbordava, naturalmente, sobre o Partido Republicano e o movimento conservador. O governo federal acumulava inúmeras prerrogativas em nome da segurança nacional, o equilíbrio fiscal se encontrava comprometido com investimentos militares e a aposta nas ações preventivas desestabilizou ainda mais o Oriente Médio. Resumidamente, o fracasso da administração Bush deixou desguarnecido o movimento conservador que, na queda de prestígio dos neoconservadores, se viu ainda mais fragmentado.

Em sua coluna de 2001, Goldberg, afinal, tinha razão em se preocupar com o futuro do conservadorismo. Naquela altura ele rascunhou uma divisão entre os *anti-Left* versus *anti-State*, alegando que a direita sempre esteve partida entre esses dois polos. Aqueles, como Buchanan, que se consideravam contra o Estado, aceitaram abrir mão de suas prioridades durante a Guerra Fria, mas, depois de 1989, retornaram para sua posição original. Enquanto os *anti-Left*, segundo Goldberg, endossaram o excepcionalismo americano e a cruzada militarista como forma de

---

estabilizar a ordem unipolar nos anos 2000. Ao arriscar uma previsão, Goldberg afirmou: “this split between the two flavors of conservative will, I predict, only become more pronounced if the war on terrorism becomes a war between the West and the rest” (Goldberg, 2001). Tinha razão.

É justo afirmar que, em 2008, Bush havia convertido a Guerra ao Terror em uma batalha civilizatória e, com isso, isolado o país. A *intelligentsia* neocon perdeu credibilidade abrindo espaço para outras formas de conservadorismo, nem todas comprometidas com o investimento intelectual dos neocons ou com a moderação e responsabilidade exigidas por Buckley, nos anos 1960. Escrevendo em 2016 para o *New York Times*, Ross Douthart, resumiu esse momento: “Bush-era failures that alienated right-wing populist from their own intelligentsia also discredited conservative ideas within the broader elite”. (Douthart 2016)

Após os atentados, a direita religiosa apoiou a Guerra ao Terror, mas responsabilizou, parcialmente, os Estados Unidos por seus “pecados”<sup>10</sup>. Paleoconservadores ampliaram suas críticas, acusando a guerra como pretexto para um expansionismo imperialista. Contrariando o discurso oficial do Partido Republicano, Buchanan atribuiu a motivação dos agressores não a um ódio primordial aos Estados Unidos, mas uma vingança calculada contra os excessos e intervenções americanas pelo mundo.

No final de 2001, as circunstâncias levaram os neocons a acreditarem que tinham encontrado no terrorismo internacional o substituto para o comunismo, isso é, o novo inimigo, um novo princípio organizador. Porém, a medida que a Doutrina Bush perdia credibilidade e a Guerra ao Terror se mostrava sem saída, no lugar da união, a direita se dividiu mais ainda. O governo federal, e suas múltiplas novas prerrogativas garantidas pelos novos dispositivos de segurança, como o *Patriot Act*, vieram para ficar, marginalizando de vez toda a direita *Anti-State*. Ao mesmo tempo a *Anti-Left*, convertida em *national greatness conservatism*, se viu derrotada, junto com Bush, em 2008. Isso significava que toda a direita estruturada, herdeira do fusionismo e do conservadorismo responsável, estava fragmentada e sem grande credibilidade. Era natural, portanto, que ela viesse a se reinventar procurando elementos que, até então, pareciam esquecidos ou abandonados.

## Conclusão

O 11 de Setembro, portanto, produziu dois efeitos diretos sobre o movimento conservador. O primeiro, a curto prazo, foi a ilusão de que o terrorismo internacional poderia reagrupar diferentes correntes em torno de um novo inimigo comum. O segundo, e apenas

---

<sup>10</sup> Lideranças religiosas, como Rev. Jerry Falwell e Pat Robertson sugeriram que, por sua tolerância a temas como aborto e direitos dos homossexuais, os Estados Unidos teriam perdido seu véu de proteção divina.

reconhecido recentemente, diz respeito às consequências da fragmentação do movimento conservador e da matriz do fusionismo na direita americana e o deslocamento de elementos, antes marginais, para o centro do debate político.

Como observa Rick Perlstein, pesquisadores não encontrarão o fundamento desses elementos nos ensaios de Buckley ou no otimismo de Reagan. É preciso ir além. É preciso recuperar os surrealistas políticos, os tribunais de ódio racial e todo subterrâneo desagradável da história americana. Em termos gerais, isso vem sendo tratado pelo uso recorrente – e ainda sem grande rigor – do termo populismo (Perlstein 2017).

No seu artigo *mea culpa* – oportunamente intitulado de “I Thought I Understood the American Right. Trump Proved Me Wrong” – Perlstein reconhece que os historiadores confiaram demais na forma como os próprios conservadores contaram sua história. Talvez Buckley não tenha, de fato, expurgado todos esses fantasmas, como muitos acreditaram. Afinal, o próprio Buckley tem um histórico controverso, como o apoio a Joseph McCarthy e a oposição ao movimento de direitos civis. Talvez, como especula Perlstein, a extrema-direita nunca tenha estado muito distante do *mainstream* americano (Perlstein, 2017).

Seja como for, é muito pouco provável que esse submundo emergisse de forma tão enfática se as principais correntes do conservadorismo responsável já não se encontrassem fragilizadas. George Nash acusou o golpe somente em 2016, quando, poucos meses antes das eleições, denunciou a emergência de um populismo conservador como produto do colapso definitivo do fusionismo. Lamentando o destino do movimento, Nash dizia que não apenas a direita carecia de alguém para cumprir o papel de *gatekeeper*, desempenhado anteriormente por Buckley, como afirmava que “there are no gates” (Nash 2016).

Trump, afinal, foi eleito justamente mobilizando os aspectos brutais do conservadorismo que Buckley supostamente havia expurgado do movimento. Isso só foi possível porque esse discurso já se fazia disponível em 2016. Desde então, a historiografia da direita norte-americana vem em busca dos episódios-chave e dos personagens que contribuíram para esse cenário. Alguns já foram devidamente identificados: Newt Gingrich, Pat Buchanan, Sarah Palin, entre outros, reapareceram como figuras históricas que oferecem pistas nesse sentido.

O outro lado dessa história, a fragmentação do conservadorismo como um movimento intelectual, no entanto, tem sido menos enfatizado. Porém, foi isso que viabilizou o deslocamento dessas ideias das margens para o centro. Naturalmente, esse é um processo recente e há muito ainda a ser compreendido. Porém, é justo afirmar que poucos eventos catalisaram tanto a divisão do movimento conservador quanto o 11 de Setembro e suas consequências imediatas. Qualquer

expição da direita sobre seu passado recente será fadada à ilusão, se não incluir nas suas considerações esse episódio emblemático da história americana.

### Referências bibliográficas

- Bjerre-Poulsen, Niels. “Standing Athwart History, Yelling Stop: The Emergence of American Movement Conservatism, 1945-1965”. *American Studies in Scandinavia*, 45, n.1-2 (2014): 15-33. <https://doi.org/10.22439/asca.v45i1-2.4900>
- Blumenthal, Sidney. “Pat Buchanan The Great Right Hope”. *The Washington Post*, 8 de janeiro de 1987. <https://www.washingtonpost.com/archive/lifestyle/1987/01/08/pat-buchanan-the-great-right-hope/fa22d906-0c01-4fb8-bd04-7d493f160b01/> Acesso em 12 de novembro de 2020.
- Brooks, David. 2001. “The Age of Conflict”. *Washington Examiner*, 5 de novembro de 2001. <https://www.washingtonexaminer.com/weekly-standard/the-age-of-conflict> Acesso em 13 de março de 2021.
- Boot, Max. “What the Heck Is a ‘Neocon?’”. *The Wall Street Journal*, 30 de dezembro de 2002. <https://www.wsj.com/articles/SB104121045871745553> Acesso em 15 de março de 2021.
- Boot, Max. “The Case for the American Empire”. *The Weekly Standard*, 24 de setembro de 2001. <https://www.washingtonexaminer.com/weekly-standard/the-case-for-american-empire>. Acesso em 19 de março de 2021.
- Buchanan, Patrick J. *Where the Right Went Wrong: How Neoconservatives subverted the Reagan revolution and hijacked the Bush presidency*. New York: St. Martin’s Press, 2004.
- Burns, Jennifer. “What was conservatism”. *The Chronicle of Higher Education*. (November 9, 2016). <https://www.chronicle.com/article/what-was-conservatism> Acesso em 12 de janeiro de 2021.
- Burns, Jennifer. “In Retrospect: George Nash’s the Conservative Intellectual Movement in America Since 1945”. *Reviews in American History*, 32, n. 3 (2004):447-462. <https://doi.org/10.1353/rah.2004.0053>
- Bush, George W. 2001. Address to Joint Session of the 107th Congress. [https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected\\_Speeches\\_George\\_W\\_Bush.pdf](https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf)
- Clines, Francis X., e Bernard Weinraub. “Briefing”, *The New York Times*, 22 de outubro de 1981. <https://www.nytimes.com/1981/10/22/us/briefing-060931.html> Acesso em 21 de março de 2021.
- Defrank, Thomas M.; et al. *Quest for the Presidency, 1992*. College Station: Texas A&M University Press, 1994.
- Douhart, Ross. “What the Right’s Intellectuals Did Wrong”, *The New York Times*, 26 de outubro de 2016. <https://www.nytimes.com/2016/10/26/opinion/campaign-stops/what-the-rights-intellectuals-did-wrong.html> Acesso em 19 de fevereiro de 2021.
- Drummond, Nicholas W. “Trump, Neoconservatives, and the Misrepresentation of the American Founding”. Em *The Vanishing Tradition: Perspectives on American Conservatism*, Paul Gottfried, 99–108. Ithaca: Cornell University Press, 2020. <https://doi.org/10.7591/cornell/9781501749858.003.0008>
- Eichenberg, Richard C. e Richard J. Stoll, e Matthew Lebo. “War President: The Approval Ratings of George W. Bush”. *The Journal of Conflict Resolution*, 50, n. 6 (2006): 783-808. Acesso EM 28 de março de 2021. <https://doi.org/10.1177/0022002706293671>
-

- Fawcett, Edmund. *Conservatism: The Fight for a Tradition*. Princeton: Princeton University Press, 2020. <https://doi.org/10.1515/9780691207773>
- Fischer, Beth A. *The Reagan Reversal: Foreign Policy and the End of the Cold War*. Columbia: University of Missouri Press, 2000.
- Gaddis, J. L. “A Grand Strategy of Transformation”. *Foreign Policy*, n. 133, Nov-Dec (2002): 50-57. <https://doi.org/10.2307/3183557>
- Garthoff, Raymond L. *Détente and confrontation: American-Soviet relations from Nixon to Reagan*. New York: Brookings Institution Press, 1994.
- Goldberg, Jonah. “Conservatism, Post 9/11: Notes toward a new New Right”. *National Review*, 5 de dezembro de 2001. <https://www.nationalreview.com/2001/12/conservatism-post-911-jonah-goldberg/> Acesso em 19 de agosto de 2020.
- Gottfried, Paul. *The Vanishing Tradition: Perspectives on American Conservatism: Perspectives on American Conservatism*. Ithaca: Cornell University Press, 2020. <https://doi.org/10.7591/cornell/9781501749858.001.0001>
- Haar, Roberta. “Explaining George W. Bush’s Adoption of the Neoconservative Agenda after 9/11”. *Politics & Policy*, 38, n.5, (2019): 965–990. <https://doi.org/10.1111/j.1747-1346.2010.00265.x>
- Hayek, Friedrich. *O Caminho da Servidão*. São Paulo: Instituto Von Mises Brasil, 2010.
- Kabaservice, Geoffrey. “Ross Perot brought us the tea party — and President Trump”. *Washington Post*, 11 de julho de 2019.
- Kabaservice, Geoffrey. *The Downfall of Moderation and the Destruction of the Republican Party: From Eisenhower to the Tea Party*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- Kirk, Russell. *Conservative Mind: From Burke to Eliot*. Washington: Regnery Publishing, 2001.
- Kirk, Russell. “The Neoconservatives: An Endangered Species”. *The Heritage Lectures 178*, 15 de dezembro de 1988.
- Lacy, Dean, e Barry C. Burden. “The Vote-Stealing and Turnout Effects of Ross Perot in the 1992 U.S. Presidential Election”. *American Journal of Political Science*, 43, n1, (1992): 233-255. <https://doi.org/10.2307/2991792>
- Lemann, Nicholas. “The Next World Order: The Bush Administration may have a brand-new doctrine of power”. *The New Yorker*, 24 de março de 2002. (<https://www.newyorker.com/magazine/2002/04/01/the-next-world-order>) Acesso em 15 de março de 2021.
- Lyons, Matthew N. “Fragmented Nationalism: Right-Wing Responses to September 11 in Historical Context”. *The Pennsylvania Magazine of History and Biography*, 127, n. 4 (2003): 377-418.
- McHargue, Ryan Patrick. “Neoconservatism and Iraq”. Dissertação, Tallahassee, Florida State University, 2005.
- Nash, George H. *The Conservative Intellectual Movement in America Since 1945*. (Thirteenth-Anniversary Edition). Wilmington: Isi Books, 2006.
- Nash, George H. “The Conservative Intellectual Movement in America: Then and Now.” *National Review*, 26 de abril de 2016. <https://www.nationalreview.com/2016/04/conservative-intellectuals-george-nash/> Acesso em 11 de dezembro de 2020.
-

- Nash, George H. "Populism, I: American Conservatism and the Problem of Populism". *New Criterion*, setembro de 2016. <https://newcriterion.com/issues/2016/9/populism-i-american-conservatism-and-the-problem-of-populism> Acesso em 14 de fevereiro de 2021.
- Noon, David Hoogland. "Cold War Revival: Neoconservatives and Historical Memory in the War on Terror". *American Studies*, 48, n.3 (2007): 75-99. <https://doi.org/10.1353/ams.0.0033>
- Nye, Joseph S. "Soft Power." *Foreign Policy*, n. 80, Autumn,(1990): 153–171. <https://doi.org/10.2307/1148580>
- Powaski, Ronald E. *Ideals, Interests, and U.S. Foreign Policy from George H. W. Bush to Donald Trump*. Londres: Palgrave Macmillan, 2019. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-97295-4>
- Record, Jeffrey. *Dark Victory: America's Second War Against Iraq*. Annapolis: Naval Institute Press, 2004.
- Rielly, John. "The Bush Administration's Foreign Policy". *Politique Américaine*, 12, 3, (2008): 73-86. <https://doi.org/10.3917/polam.012.0073>
- Robin, Corey. *The Reactionary Mind: Conservatism from Edmund Burke to Sarah Palin*. Oxford: Oxford University Press, 2011. <https://doi.org/10.1093/acprof:osobl/9780199793747.001.0001>
- Robin, Corey. "Forget about it. Harpers", *Harpers Magazine*, Abril, (2018): 5-7.
- Robin, Corey. "Endgame: Conservatives after the Cold War." *Boston Review*, Fevereiro, (2004): 26-30.
- Perlstein, Rick. "I Thought I Understood the American Right. Trump Proved Me Wrong". *The New York Times Magazine*, 11 de abril de 2017. (<https://www.nytimes.com/2017/04/11/magazine/i-thought-i-understood-the-american-right-trump-proved-me-wrong.html> Acesso em 15 de fevereiro de 2021.
- Phillips-Fein, Kim. "Conservatism: A State of the Field". *Journal of American History*, n. 98, v3, (2011): 723-743. <https://doi.org/10.1093/jahist/jar430>
- Saldin, Robert P., e Steven M. Teles. *Never Trump: The Revolt of the Conservative Elites*. New York: Oxford University Press, 2020. <https://doi.org/10.1093/oso/9780190880446.001.0001>
- Teles, Steven M. "The Eternal Return of Compassionate Conservatism". *National Affairs*, Fall 2009. (<https://www.nationalaffairs.com/publications/detail/the-eternal-return-of-compassionate-conservatism> Acesso em 26 de janeiro de 2021.
- Thompson, Loren. "A Reagan Moment Arrives For America's Military". *Forbes*, 23 de janeiro de 2017. <https://www.forbes.com/sites/lorenthompson/2017/01/23/a-reagan-moment-arrives-for-americas-military/> Acesso em 14 de janeiro de 2021.
- Toner, Robin. "Buchanan, Urging New Nationalism, Joins' 92 Race". *The New York Times*, 11 de dezembro de 1991, Section B, 12.
- Vaïsse, Justin. "Why Neoconservatism Still Matters". *Foreign Policy at Brookings*, n. 20, Maio 2010.
- Vaïsse, Justin. "W. Bush a-t-il trahi, tué ou transfiguré le conservatisme américain?" *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, n. 97, janeiro-março (2008): 25-37. <https://doi.org/10.3917/ving.097.0025>
- Weaver, Richard. *As Idéias têm Consequências*. São Paulo: É Realizações, 2012.
- Wolfson, Adam. "Conservatives and Neoconservatives". *Public Interest*, 154, Winter, (2004): 32-48.

\*\*\*



Recebido: 31 de março de 2021  
Aprovado: 26 de maio de 2021